

César Francisco Raymundo



Maria e Pós-milenismo

A mãe do Filho de Deus
e seu exemplo de
Esperança Pós-milenista



revista cristã
última chamada

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CHAD MICHAEL
MURRAY

DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Maria e Pós-milenismo

A mãe do Filho de Deus
e seu exemplo de
Esperança Pós-milenista

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Maria e Pós-milenismo

*A mãe do Filho de Deus
e seu exemplo de
Esperança Pós-milenista*

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de Outubro de 2024 –

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da capa: Ícone da natividade – século VII,
que se encontra no mosteiro Monte Sinai)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Índice

- Sobre o autor -	07
- Introdução -	
O que é Pós-milenismo e sua relação com Maria, mãe de Jesus?	08
- Capítulo 1 -	
O anúncio do nascimento de Jesus e a obediência de Maria	10
- O Sim de Maria muda o mundo inteiro	10
- Capítulo 2 -	
O menino Jesus é apresentado no Templo	13
- Simeão entra em Cena	16
- A Profetisa Ana entra em Cena	18
- Capítulo 3 -	
O canto de Maria (Magnificat)	21
- Deus, meu Salvador...	23
- A sua misericórdia vai de geração em geração...	27
- Agiu com o seu braço valorosamente...	30
- Amparou a Israel, seu servo	32
- Capítulo 4 -	
O mandamento de Maria e a transformação da água em vinho por Jesus	35
- Conclusão -	
Maria desaparece na história, mas seu exemplo e legado pós-milenista permanecem	39
Obras importantes para pesquisa...	41

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

- Introdução -

O que é Pós-milenismo e sua relação com Maria, mãe de Jesus?

Quando saímos do catolicismo romano e passamos a seguir as doutrinas protestantes, um dos principais aspectos é o abandono da devoção a Maria, mãe de Jesus. Os protestantes frequentemente criticam essa devoção como mariolatria, ou adoração excessiva a Maria. Com isso, a figura de Maria tende a ser negligenciada e sua breve presença no Novo Testamento é muitas vezes ignorada.

No entanto, Maria carrega uma mensagem poderosa e significativa. Sua história representa um símbolo de redenção e esperança, especialmente considerando o contexto pós-milenista. Embora sua figura não receba a mesma atenção nas tradições protestantes, ela ainda representa um importante exemplo de fé e humildade que pode inspirar muitos.

Para quem ainda não conhece o termo, o Pós-milenismo¹ é uma interpretação escatológica que acredita que o Reino de Deus se estabelecerá na Terra através da influência crescente do evangelho e da moral cristã, resultando em um período de paz e prosperidade antes do retorno de Cristo. De acordo com essa visão, a era milenar,

¹ Ver mais sobre o Pós-milenismo no site: www.revistacrista.org

descrita em Apocalipse capítulo 20, é um tempo em que a justiça e a bondade prevalecerão gradualmente pelo poder do Evangelho de Cristo.

Embora Maria, mãe de Jesus, não conhecesse o termo “pós-milenismo”, sua vida e suas palavras refletiam aspectos dessa crença. Ela acreditava na chegada do Reino de Deus e em um mundo transformado pela ação divina. Seu cântico, conhecido como Magnificat, expressa a esperança em uma revolução espiritual e social, onde os humildes e os justos seriam exaltados, e os poderosos seriam derrubados de seus tronos. Esse cântico reflete a ideia de um futuro melhor e mais justo, que é central para o Pós-milenismo. Assim, mesmo sem o conhecimento do conceito formal, Maria vivia e transmitia valores e esperanças que ressoam com a visão pós-milenista de um mundo redimido e abençoado, cujo Único Rei é o Senhor Jesus Cristo.

- Capítulo 1 -

O anúncio do nascimento de Jesus e a obediência de Maria

O anúncio do nascimento de Jesus é um momento muito importante na Bíblia. O anjo Gabriel apareceu para Maria e disse que ela iria ter um filho, Jesus, que seria o Salvador do mundo. Apesar de ser algo surpreendente e difícil de acreditar, Maria aceitou com fé e obediência. Ela confiou no plano de Deus e se dispôs a cumprir sua parte, mesmo sabendo que isso poderia ser complicado.

A conexão com a crença pós-milenista está no fato de que Maria acreditava na promessa de um futuro melhor. O Pós-milenismo ensina que o Reino de Deus se estabelecerá gradualmente na Terra antes do retorno de Jesus. Maria, ao aceitar o papel que lhe foi dado, estava participando dessa visão de um mundo transformado e melhor. Seu sim a Deus mostra a confiança em um plano maior, onde a justiça e a paz virão com o tempo, refletindo a ideia de que a transformação do mundo começa com pequenas ações de fé e obediência.

O Sim de Maria muda o mundo inteiro

O teólogo Jeff Doles, em uma mensagem de Natal, nos mostra a importância do “sim” de Maria para uma mudança permanente do mundo:

“O anjo Gabriel veio ao pequeno vilarejo de Nazaré, na Galileia, até uma jovem chamada Maria. Ele fez um anúncio maravilhoso para ela: “Não tenha medo, Maria; você encontrou graça diante de Deus. Você conceberá e dará à luz um filho, e você o chamará de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó; seu reino nunca terá fim”.

“Como será isso”, perguntou Maria, “já que sou virgem?” Não era uma questão de dúvida, mas de admiração, pois Maria era ponderadora e pensava profundamente sobre as coisas.

“O Espírito Santo virá sobre você”, respondeu Gabriel, “e o poder do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Portanto, o santo que nascerá será chamado Filho de Deus. Até mesmo Isabel, sua parente, vai ter um filho na velhice, e aquela que se dizia ser incapaz de conceber está no sexto mês. Pois nenhuma palavra de Deus jamais falhará”.

“Eis a serva do Senhor!” Maria disse: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lucas 1:38).

Maria disse sim. Ela disse Sim ao anjo e ao seu anúncio, é claro, mas mais do que isso, ela disse Sim a Deus Pai, que enviou o anjo e lhe mostrou tal favor. Ela disse sim ao Filho, que seria concebido no seu ventre e a quem ela daria à luz. E ela disse Sim ao Espírito Santo, por quem aconteceria esse grande milagre. O “sim” de Maria foi um Sim muito poderoso, que muda o mundo inteiro. Pois foi no seu Sim — na sua resposta cheia de fé ao Sim de Deus — que Cristo recebeu a sua humanidade, para que Deus se fizesse carne e habitasse entre nós. E é pela humanidade que o Senhor Jesus recebeu de Maria que Ele se uniu a nós na nossa humanidade — tornando-se não apenas um de nós, mas um conosco. Foi então através do Sim de Maria que Deus nos escolheu em Cristo. Isso muda todos nós e é o que toda a criação anseia.

A criação espera ansiosamente que os filhos de Deus sejam revelados. Pois a criação foi submetida à frustração, não por sua própria escolha, mas pela vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação seja libertada da escravidão da decadência e trazida para a liberdade e glória dos filhos de Deus. Sabemos que toda a criação tem gemido como em dores de parto até o presente. (Romanos 9:19-22)

Através do seu Sim a Deus, Maria tornou-se caminho para o Deus que se fez Homem e que resgata o mundo através da cruz e da ressurreição. Graças ao Sim de Maria em dar à luz o Senhor do céu e da terra num humilde estábulo, as dores do parto de toda a criação serão cumpridas.

Feliz Natal para toda a criação”².

No Capítulo 4, aprofundaremos a importância do 'Sim de Maria'. O Sim de Maria se tornou um símbolo não somente de entrega e amor, mas também um convite para a transformação do mundo através da missão da pregação do Evangelho em todas as nações.

² Mary's Yes Changes the Whole World, publicado em Saturday, December 24, 2016 no site: <https://www.thefaithlog.com/2016/> Acessado dia 28/09-2024

- Capítulo 2 -

O menino Jesus é apresentado no Templo

“Passados os dias da purificação deles segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme o que está escrito na Lei do Senhor: Todo primogênito ao Senhor será consagrado; e para oferecer um sacrifício, segundo o que está escrito na referida Lei: Um par de rolas ou dois pombinhos”.

– Lucas 2:22-23

Na apresentação do menino Jesus no templo, em Lucas Capítulo 2, vemos Maria e José seguindo a tradição judaica, mostrando a importância do templo na vida religiosa. Mas aquele antigo templo devido as suas limitações geográficas e físicas era um grande obstáculo para o Reino de Deus. Somente com a vinda de Jesus ao mundo o antigo Templo perdia sua razão de ser na vida religiosa – principalmente dos judeus. O Senhor Jesus com Seu próprio corpo passava a ser o “novo” e “verdadeiro Templo” no qual o povo podia encontrar-se com Deus.

Assim como Jesus é o Templo que foi apresentado fisicamente no templo terrestre, a Igreja, que é chamada de templo espiritual de pedras vivas, representa a presença de Deus entre as pessoas. O menino Jesus, ao crescer e iniciar Seu ministério estabeleceria a Igreja,

onde todos podem se conectar com Deus e uns com os outros. Essa relação destaca que o verdadeiro Templo não é apenas um lugar, mas a comunidade de crentes unidos em fé.

O episódio da apresentação de Jesus no templo evidencia a obediência de José e Maria às exigências da Lei de Moisés. Eles consagraram Jesus a Deus, como todos os pais judeus deviam fazer com seus filhos primogênitos. Para isso, sacrificaram um par de pombas: uma como oferta queimada e a outra como oferta pelo pecado. Cada ato foi realizado em conformidade com as tradições e leis divinas.

Os pais de Jesus, com especial ênfase em Maria — tema central deste e-book — nos mostram, por meio de seu exemplo de fé, que a transformação do mundo ocorre através da fé e da obediência ao que o Senhor ordena. Esse é o pensamento que deve guiar um pós-milenista. José e Maria viveram em uma época difícil na história humana, quando o Império Romano oprimia a nação de Israel — um período que não pode ser romantizado. No entanto, eles não se deixaram abater pelas circunstâncias desfavoráveis. Pelo contrário, obedeceram com firmeza para que o Messias pudesse estabelecer Seu grande reinado, que alcançará toda a Terra.

Ao contrário do exemplo de José e Maria, muitos em nosso tempo se deparam com as calamidades do mundo e, em vez de enxergar pela fé a possibilidade de que as nações ainda se converterão ao Senhor, permanecem desanimados.

Já mencionei em outro e-book sobre o Pós-milenismo como nossas atuais lideranças cristãs tendem a ser pessimistas em relação ao futuro. Em vez de acreditar e trabalhar para o Reino, como fizeram José e Maria, nossos líderes frequentemente se concentram nas circunstâncias do mundo e acabam desanimando a todos os crentes em Jesus.

O renomado pastor presbiteriano Augustus Nicodemus Lopes também demonstrou desconhecimento sobre o Pós-milenismo quando foi questionado sobre o assunto. Em um vídeo publicado no YouTube, ele afirmou:

“O problema com o Pós-milenismo é que são várias coisas.

Primeiro, o curso da história. Toda vez que o Pós-milenismo era popular veio uma guerra mundial e os pós-milenistas acabaram. Você vê antes da Primeira Guerra Mundial que o Pós-milenismo era a posição dominante entre os reformados. Depois da Primeira Guerra Mundial, se tornou a minoria. Começou a crescer de novo e veio a Segunda Guerra Mundial, caiu de novo.

[É] porque a história está contra o Pós-milenismo [...], [no] Cristianismo por mais que a gente evangelize, por mais que a Igreja venha crescendo e pregando, hoje nos 6 bilhões de pessoas que existem no mundo, nem metade se considera cristã. Então pode levar ainda muito [...] [apenas] 2,7 bilhões se consideram cristãos.

Então, se o Pós-milenismo está correto, a Vinda de Cristo vai demorar muito ainda e a gente tem muita coisa pra fazer”.³

Devido a essas questões levantadas contra o Pós-milenismo, muitos o acusam de ser uma 'utopia'. Essa é uma crítica comum dirigida aos pós-milenistas. É lamentável que, no debate escatológico, o Pós-milenismo seja frequentemente a opção “mais fácil de interpretar mal”,⁴ como observa o teólogo Kenneth Gentry, Jr. Para que alguém acredite no que é ensinado pelos pós-milenistas (baseado nas Escrituras Sagradas), é necessário desafiar as expectativas pessimistas

³ Perguntas #4 - Sobre o pós-milenismo. Site:
<https://www.youtube.com/watch?v=Aut2rdBAnDk&t=286s>
Acessado dia 08/01/2023

⁴ POSTMILLENNIAL UTOPIA? by Kenneth L. Gentry, Jr. Site:
<https://postmillennialworldview.com/2023/07/21/postmillennial-utopia-2/#more-13145> Acessado dia 05/10/2024

predominantes de outras visões escatológicas. Embora a esperança em relação ao futuro possa parecer utópica, a fé e a obediência devem prevalecer, mesmo quando as circunstâncias são desfavoráveis.

José e Maria provavelmente estavam cientes do desafio de transformar o mundo, mesmo que a consumação da Era Messiânica ainda estivesse distante e exigisse muito trabalho. Eles acreditavam na promessa do Salmo:

“Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações”.

Simeão entra em Cena

Durante as obrigações comuns cumpridas por José e Maria na apresentação de Jesus no templo, ocorreu algo fora do comum. Isto está registrado em Lucas 2:25-27:

“Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão; homem este justo e piedoso que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele.

Revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor.

Movido pelo Espírito, foi ao templo; e, quando os pais trouxeram o menino Jesus para fazerem com ele o que a Lei ordenava...”.

Simeão não era uma figura proeminente em Jerusalém; não ocupava cargos de sacerdote, político ou líder religioso. Contudo, ele recebeu uma promessa extraordinária de Deus, revelada a ele pelo Espírito Santo: antes de sua morte, Simeão teria a chance de ver o Messias.

A maneira como o Espírito Santo guiou Simeão pode ter sido uma revelação clara ou apenas um impulso que Simeão aprendeu a seguir. De qualquer maneira, o Espírito de Deus o levou ao local e ao

momento exatos (por isto, creio que Deus pode nos revelar particularmente certas coisas concernentes ao processo de crescimento de Seu Reino).

Esse encontro foi um grande momento de realização para Simeão, mas, mais importante, representou o cumprimento do plano divino desde os primórdios. O propósito de Deus, que se estendeu desde Adão a Abraão, Jacó, Moisés, os filhos de Israel, o Rei Davi e todos os profetas, estava se concretizando na apresentação de Jesus. Simeão imediatamente identificou Jesus como o Messias, o Ungido de Deus. E aqui vale lembrar da fidelidade de Deus no cumprimento de Suas promessas, enquanto nossos líderes religiosos atuais negam o cumprimento da conversão em massa das pessoas de todo o mundo.

Ao segurar o menino Jesus em seus braços, Simeão louvou a Deus:

“Simeão o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel”.

- Lucas 2:28-32

Simeão é um exemplo notável de fé e paciência — qualidades que parecem escassear entre os crentes modernos. Ele esperou longamente pela revelação do Cristo e pelo início da consolação de Israel. Na cristandade moderna, temos vivido com muita pressa, esperando que o avanço do Reino de Deus se concretize rapidamente para que o mundo chegue ao fim. Contudo, o que o Senhor prometeu pode ou não ser testemunhado por nós antes de deixarmos esta vida. No caso de Simeão, ele foi privilegiado ao ver o início de uma grande Salvação que, eventualmente, iria abranger todo o mundo. É claro que ele não teria tempo suficiente para ver a realização completa dessa obra até o último dia.

A história de Simeão nos ensina que, enquanto as promessas de Deus não se cumprem plenamente, devemos ser bons mordomos do que Ele nos confiou, em vez de enterrar nossos talentos. A atual expectativa pelo Arrebatamento ou pela Segunda Vinda de Cristo — que pode não ocorrer enquanto ainda estamos vivos — leva muitos cristãos a viverem com medo, obsessivamente calculando datas e especulando sobre quem seria o Anticristo. Seremos responsabilizados por tudo o que desperdiçamos nesta vida.

A Profetisa Ana entra em Cena

Na sequência, uma profetisa idosa chamada Ana entrou no templo. Ela era viúva há cerca de 84 anos e passou sua vida jejuando e orando nos pátios do templo, dia e noite (Lucas 2:36-37). É provável que ela já tivesse encontrado Simeão anteriormente e conversado sobre a promessa que ele recebeu. Ou talvez sua vida de oração tenha aguçado sua percepção, permitindo que, ao ver Simeão com Maria, José e Jesus, ela entendesse imediatamente o que estava acontecendo. Entendo que há razões para que crer ela também foi guiada pelo Espírito Santo, pois ao reconhecer Jesus, sua reação foi simples, mas significativa: “Ela deu graças ao Senhor e falou dele a todos que esperavam a redenção em Jerusalém” (Lucas 2:38).

Assim como Simeão, a profetisa Ana tinha uma expectativa fervorosa pela vinda do Messias e pelo cumprimento das promessas de Deus. E não estavam sozinhos; havia outros que também tinham essa esperança e “aguardavam a redenção em Jerusalém”. Ana não ficou de braços cruzados, mas os procurou para compartilhar as Boas Novas da Salvação em Cristo. É lamentável ver que atualmente a espera do Arrebatamento Secreto tem feito muitos cristãos cruzarem os braços. Uma coisa que muitos cristãos hoje não estão entendendo é que eles provavelmente não verão muitas coisas concernentes ao

domínio do Reino de Deus neste mundo, e muito menos a Segunda Vinda de Cristo.

Devido à sua idade, Ana e Simeão não teriam a oportunidade de acompanhar a vida e o ministério de Jesus em todas as suas fases. De fato, eles não presenciaram a crucificação nem a ressurreição. Contudo, isso não era o mais importante, e devemos aprender com seu exemplo. Hoje, muitos crentes em suas igrejas são ensinados que testemunharão o cumprimento das profecias dos “últimos dias”, mas isso pode não ocorrer, e não sabemos qual geração verá a plenitude das bênçãos de Deus entre as nações quando estiver perto a Segunda Vinda de Cristo. Em vez de se prender a expectativas infundadas sobre a primeira Vinda do Messias, Simeão e Ana aprenderam a ouvir a voz de Deus e a se deixar guiar pelo Espírito Santo. Eles viveram com a expectativa das promessas divinas, aprendendo a contemplar e a compreender o que estavam testemunhando. Viram o suficiente para reconhecer que o propósito do Reino de Deus em Israel seria realizado e que todo o mundo seria abençoado por isso. E de fato esse propósito estava se concretizando diante de seus olhos. Assim como muitos que, no passado, desejavam ver os dias do Messias, mas apenas vislumbraram de forma parcial, nós também estamos vivendo a experiência de enxergar as coisas apenas em parte. Temos a história que nos precede e uma nova história por se concretizar no futuro — uma história que pode não nos incluir para testemunhar. É certo que assim como José e Maria ficaram “admirados do que dele [Jesus] se dizia” (Lucas 2:33-35), nós também devemos obedecer, trabalhar e contemplar admirados sobre tão grandes coisas do Reino - muitas das quais não veremos – mas ficaremos sabendo sobre elas na eternidade.

Nesta questão relativa a um futuro que não veremos, os comunistas e muçulmanos têm muito a nos ensinar sobre o zelo e a dedicação à sua causa e religião. O professor Olavo de Carvalho escreveu a respeito disso:

“O muçulmano pode sacrificar esta vida por objetivos de longuíssimo prazo porque tem a perspectiva do paraíso com suas setenta virgens; o comunista, porque tem a miragem da sociedade perfeita que se agita diante dele e o atrai para frente como uma cenoura de burro. O homem ocidental tem no máximo a esperança de um carro novo ou da próxima trepada, na qual nenhum sacrifício faz sentido. A diferença da escala temporal entre a mente dele e a de seus dois inimigos é monstruosa e intransponível. O cristianismo poderia restaurar nele o senso de uma meta dourada para além desta vida, mas está mais empenhado em parecer bonzinho. E aqueles nos quais ainda resta um pouco do velho espírito cristão gastam toda a sua energia no esforço de controlar seus impulsos sexuais (bem como os do vizinho)”.⁵

Fica então a lição de que os inimigos de Deus, sejam eles comunistas ou islâmicos, ignoram os ventos contrários caminhando e crendo que chegará o Dia Maior do Comunismo ou da Conquista dos Povos para Alá, não importando quanto demorará esse tempo.

⁵ Olavo de Carvalho, filósofo - 08 de Setembro de 2017, via Facebook.

- Capítulo 3 -

O canto de Maria

(Magnificat)

O Magnificat, conhecido como Canto de Maria, é um dos hinos mais antigos da tradição cristã. Ele está presente no Evangelho de Lucas (1:46-55) e é o cântico que Maria entoa após a visita do anjo Gabriel, que lhe anuncia que ela será mãe de Jesus.

No cântico, Maria expressa sua alegria e gratidão por ter sido escolhida para uma missão tão importante. Ela exalta a grandeza de Deus e celebra Sua misericórdia, justiça e poder. O cântico também aborda a reversão social, onde os humildes são elevados e os poderosos são derrubados, destacando a transformação que a chegada de Jesus traz ao mundo.

O Magnificat tem inspirado liturgias, músicas e artes ao longo dos séculos, sendo frequentemente utilizado em celebrações religiosas e momentos de reflexão. É uma linda expressão de louvor e esperança que continua a ressoar nas diversas tradições cristãs até hoje.

Neste capítulo, realizarei um estudo sobre alguns detalhes do Magnificat. Vamos ler o Cântico:

“Então, disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, porque contemplou na humildade da sua serva. Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada, porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome.

A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem.

Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos.

Derribou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes.

Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos.

Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais”.

- Lucas 1:46-55

O Magnificat na tradição católica é assim chamado porque vem da palavra latina magnífica. “O cântico de Maria é conhecido como o “magnificat”, porque em latim começa dizendo “magnificat anima mea Dominum” (A minh'alma engrandece o Senhor)”.⁶

O conteúdo do Magnificat evoca a poesia do Antigo Testamento. O louvor de Maria celebra a misericórdia de Deus tanto em relação a ela quanto à nação de Israel. Seu cântico reflete a poesia hebraica encontrada nos Salmos, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Além disso, as palavras do Magnificat apresentam paralelismos com diversas passagens do Antigo Testamento, especialmente a canção de Ana (1º Samuel 2:1-10) e o Salmo 136.

A alegria de Maria no cântico decorre do privilégio de dar à luz ao Messias prometido para Israel e o mundo (Lucas 1:46-48). Em

⁶ A oração de Maria: o Magnificat. Dom Antônio de Assis. Site: [https://www.cnbb.org.br/a-oracao-de-maria-o-magnificat/#:~:text=O%20c%C3%A2ntico%20de%20Maria%20C3%A9,'alma%20engrandece%20o%20Senhor\).](https://www.cnbb.org.br/a-oracao-de-maria-o-magnificat/#:~:text=O%20c%C3%A2ntico%20de%20Maria%20C3%A9,'alma%20engrandece%20o%20Senhor).) Acessado dia 07/10/2024.

seguida, ela glorifica a Deus por seu poder, santidade e misericórdia (versículos 49-50). Na terceira parte, Maria expressa à esperança de que Deus transformará o mundo por meio do Messias (versículos 51-53), sem dúvida a esperança de todo pós-milenista. Por fim, ela exalta a Deus por sua fidelidade à promessa feita a Abraão (versículos 54-55), lembrando a aliança estabelecida com ele (Gênesis 12:1-3).

Deus, meu Salvador...

“Então, disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, porque contemplou na humildade da sua serva. Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada, porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome”.

– Lucas 1:46-49

O reconhecimento de Maria de que Deus é seu Salvador tem um profundo significado tanto para ela quanto para a humanidade. Ao reconhecer sua necessidade de salvação, Maria exemplifica a humildade e a dependência de Deus, características essenciais para todos os pecadores. Essa admissão não apenas a conecta a uma tradição de fé que valoriza a misericórdia divina, mas também a posiciona como uma figura importante na história da Redenção em Cristo.

Esse reconhecimento é particularmente importante no contexto da esperança pós-milenista, que acredita em um futuro em que o Reino de Deus se manifesta plenamente na Terra. A salvação de cada indivíduo é vista como parte de um plano maior, onde a transformação pessoal contribui para a renovação do mundo. A mensagem de Maria ressoa com essa esperança, pois ao aceitar e louvar a Deus por sua salvação, ela inspira todos a crer que a

misericórdia divina pode transformar vidas e, por extensão, a sociedade.

Assim, a declaração de Maria não é apenas um ato de louvor, mas um convite à reflexão sobre a condição humana e a necessidade de salvação. Ela nos lembra que, independentemente de nossas falhas, a graça de Deus é acessível e capaz de trazer mudanças significativas. Nesse sentido, a experiência de Maria serve como um modelo de fé e esperança, iluminando o caminho para um futuro melhor, onde a justiça e a paz prevalecem, refletindo a visão pós-milenista de um mundo renovado por meio do amor e da misericórdia de Deus.

A relação entre Maria, mãe de Jesus, e a mensagem do Evangelho é profunda e multifacetada. A mãe de Jesus exalta a grandeza do Senhor e reconhece seu papel no plano de salvação. Ao afirmar “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”, Maria expressa não apenas uma profunda adoração, mas também um reconhecimento da necessidade de salvação, o que se alinha com a mensagem central do Evangelho.

O fato de Maria se referir a Deus como seu Salvador é significativo. Ela, escolhida para trazer o Messias ao mundo, não se coloca em uma posição de superioridade, mas, ao contrário, assume uma postura humilde diante de Deus. Isso ilustra um princípio fundamental do Cristianismo: todos são pecadores e necessitam da graça divina. Em Romanos 3:23, lemos: “Porque todos pecaram e carecem da glória de Deus”. Maria reconhece a sua própria necessidade de salvação, refletindo a universalidade do pecado.

A vinda de Cristo ao mundo, como enfatizado em 1ª Timóteo 1:15, “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores”, estabelece o núcleo da Fé Cristã. A missão de Jesus é um chamado à transformação pessoal e social, à medida que aqueles que recebem a salvação são chamados a viver de maneira que reflita essa nova vida.

A visão pós-milenista, que sugere que o Reino de Deus se manifesta gradualmente através da transformação da sociedade, é bem apoiada por essa ideia de que a salvação não é apenas um evento individual, mas um processo que afeta a coletividade. Em Mateus 28:19-20, a Grande Comissão reforça essa responsabilidade, onde Jesus ordena que seus seguidores façam discípulos de todas as nações.

A transformação social é um tema recorrente na Bíblia, mas quando indivíduos são transformados pelo poder do Evangelho, suas vidas impactam diretamente suas comunidades. Em Efésios 2:8-9, encontramos que “pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus”. Essa graça não apenas salva, mas também capacita os crentes a viverem de forma justa e a se envolverem em obras que promovem o bem-estar social, conforme Efésios 2:10:

“Porque somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”.

A disposição de Maria em aceitar a vontade de Deus e sua alegria em seu papel no plano divino ecoam a mensagem do Evangelho: a salvação é uma oferta a todos, e todos são chamados a participar ativamente da transformação que essa salvação traz, para que no fim das contas se cumpra o Salmo 22:27-28:

“Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.

Pois do Senhor é o reino, é ele quem governa as nações”.

Portanto, a mensagem de salvação não apenas enriquece a vida individual, mas também impulsiona a construção de um mundo melhor. Em Isaías 61:1-3, vemos uma promessa de restauração e transformação:

“O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas novas aos quebrantados”.

Essa passagem profética reflete a missão de Cristo e, por extensão, a missão de todos os que O seguem.

O reconhecimento de Maria sobre Deus como seu Salvador mostra que a salvação em Cristo não é apenas uma promessa de Vida Eterna, mas também um chamado à transformação que impacta a sociedade. Assim, a mensagem do Evangelho, que Maria proclamou em seu cântico, continua a ressoar na vida dos crentes e no mundo, convidando a todos a experimentar a graça transformadora de Deus e a trabalhar pela renovação de todas as coisas.

O exemplo de Maria vai contra o chamado “Pietismo Cristão”.⁷ Lembremos que “pietismo” cristão não é o mesmo que “Piedade Cristã”. A piedade cristã está enraizada no temor de Deus no coração, e um compromisso com a expansão do Reino de Deus na terra, com evangelismo e discipulado. O Reino de Deus é a arena onde quer que Deus governe, seja na igreja, na família, na sala da diretoria ou na Câmara Municipal. Por outro lado, o pietismo cristão restringe o governo de Deus no coração. Ele identifica o Reino com a Igreja. Ele é motivado por um mártir-principal, e acredita que os governantes de fora da igreja só são obrigados a governar por alguma definição etérea de “lei natural”. É sal sem o seu sabor”.⁸

⁷ **Pietismo** é uma visão que olha para o mundo mais amplo como uma questão de extrema insignificância, pois se foca exclusivamente em tornar a alma individual melhor. Radicalmente individualista e profundamente gnóstico, o movimento evita o envolvimento político, denigre o exercício do domínio e algumas vezes faz adições à lei de Deus. Isso, sem dúvida, nunca deveria ser confundido com piedade, que é algo bom. Piedade é santidade no caráter, um zelo de crescer em graça e sabedoria, dar muito fruto do Espírito.

⁸ O Pietismo Cristão e a Morte do Ocidente. Por Larry E. Bola. Site: https://www.revistacrista.org/Reflexoes%20Escatologicas_o_pietismo_cristao_ea_morte_do_ocidente.html Acessado dia 07/10/2024

O chamado Pietismo Cristão pode ser identificado pelo seguinte equívoco:

“O cristianismo é uma religião que começa no coração. Na verdade, todos os problemas fluem a partir do coração, mas o coração não é o local final da plenitude do Reino de Deus. O Reino de Deus começa no coração, mas ele permeia todas as áreas da vida”.⁹

A sua misericórdia vai de geração em geração...

Em um artigo, o teólogo Brandon Vallorani, escreveu:

“Você já se perguntou por que a igreja ainda está aqui após 2.000 anos? No passado, eu cria que estávamos vivendo nos últimos dias da história humana e que Jesus iria retornar a qualquer momento para arrebatá-la e julgar o mundo. Cresci nos anos de 1970, quando livros apocalípticos como *The Late Great Planet Earth* [A Agonia do Grande Planeta Terra] de Hal Lindsey invadiam as igrejas americanas. Em adição às centenas de sermões sobre o assunto, lembro-me vividamente o tempo quando a nossa igreja assistia a série *Thief in the Night* [Ladrão na Noite]”.¹⁰

E conclui:

“O conceito poderoso e aterrorizador de um apocalipse iminente definia minha visão do Cristianismo em meus anos de casado”.¹¹

⁹ Idem nº 8.

¹⁰ Estamos Vivendo nos Últimos Dias ou na Igreja Primitiva? Brandon Vallorani. Site: www.monergismo.com Acessado dia 08/10/2024

¹¹ Idem nº 10.

Esses trechos do artigo do teólogo Brandon Vallorani refletem uma visão bastante comum entre muitas comunidades cristãs, especialmente nas décadas passadas, sobre a expectativa do retorno de Jesus e os eventos apocalípticos. Todos nós, em algum momento, acreditamos que o fim do mundo ou o retorno de Jesus aconteceria durante nossas vidas. Eu, pessoalmente, nunca consegui imaginar gerações futuras além da minha. Tinha certeza de que, por volta do ano 2000, Jesus voltaria.

Por outro lado, a mãe de Jesus, Maria, tinha uma visão que transcendia seu tempo. Ela acreditava que haveria muitas gerações futuras quando afirmou que a misericórdia de Deus 'vai de geração em geração'. Além disso, acrescentou: 'Desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada' (Lucas 1:48). Isso em uma época em que se pensava que a chegada do Messias inauguraria um novo mundo.

No contexto do judaísmo do primeiro século, a expectativa da chegada do Messias estava intimamente ligada à restauração de Israel e ao estabelecimento de um Reino de paz e justiça. Muitos judeus acreditavam que o Messias seria um líder político e militar que libertaria o povo da opressão, particularmente do domínio romano.

A ideia de ressurreição também era uma crença importante, embora variada entre diferentes grupos. Os fariseus, por exemplo, sustentavam a crença na ressurreição dos mortos, afirmando que, no fim dos tempos, Deus levantaria os justos, recompensando-os pela fidelidade. Esse conceito estava ligado à esperança de uma nova era, onde a justiça divina seria plenamente realizada.

Por outro lado, os saduceus, que eram mais aristocráticos e se opunham à influência dos fariseus, não acreditavam na ressurreição, enfatizando a importância da vida presente e das práticas religiosas. Essa divisão nas crenças sobre a ressurreição e a natureza do Messias

refletia a complexidade das expectativas messiânicas e escatológicas no judaísmo da época de Jesus.

A mensagem de Jesus e os eventos em sua vida, incluindo sua própria ressurreição, desafiariam e reconfigurariam essas expectativas, introduzindo uma nova compreensão do que significava ser o Messias e o papel da ressurreição na fé cristã que surgiria posteriormente.

Voltando agora para Maria e sua visão que transcendia seu tempo, a Bíblia menciona os irmãos e irmãs de Jesus em diversas passagens do Novo Testamento. Em Mateus 13:55-56, encontramos: “Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e não têm eles como irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E não estão suas irmãs todos conosco?” Esses versículos indicam que Jesus tinha irmãos e irmãs, o que levanta questões sobre a virgindade perpétua de Maria.

A doutrina da virgindade perpétua de Maria sustenta que ela permaneceu virgem antes, durante e após o nascimento de Jesus. Em Lucas 1:34, Maria pergunta ao anjo Gabriel: “Como será isso, pois não conheço homem?” Este versículo é frequentemente interpretado como uma afirmação de sua virgindade e dedicação a Deus.

Jesus é chamado de “primogênito” em Lucas 2:7: “E deu à luz o seu filho primogênito”. Essa designação não implica necessariamente que Maria teve outros filhos, mas sim que Jesus tinha um papel especial como o primeiro filho, com significado messiânico.

A ideia de que Maria teve outros filhos pode ser vista como um sinal de sua crença na continuidade da vida e da esperança para a humanidade. Em Marcos 3:31-32, quando sua mãe e irmãos procuram por ele, isso pode sugerir que Maria não apenas aceitou sua missão divina, mas também se preocupava com a formação de uma nova geração de crentes.

Portanto, a relação de Maria com seus filhos e com Jesus reflete tanto a sua importância na história da salvação quanto a visão de um futuro para a humanidade, representando a continuidade da fé e da vida.

Finalizo este tópico com as sábias palavras do teólogo Brandon Vallorani, citado acima, sobre a questão das futuras gerações que ainda virão a este mundo antes da Volta de Cristo:

“O Reino de Deus está crescendo, e apenas começamos. Em Deuteronômio 7:9, Deus promete que seu amor e fidelidade se estenderão a milhares de gerações. E Gálatas 3 nos lembra que todos aqueles que têm fé em Cristo são herdeiros da promessa de Israel. Se uma geração tem aproximadamente 40 anos, então completamos apenas uns 6.000 anos de história e temos pelo menos 34.000 anos a seguir! Não estamos vivendo nos últimos dias – estamos vivendo na igreja primitiva! Cada decisão que tomamos hoje, especialmente como educamos os nossos filhos, terá um impacto nos milhares de anos vindouros. Deus nos deu uma oportunidade para fazer um impacto tremendo pelo Seu reino. Esse é um período excitante para estar vivo na história. Não seja pego pelo sensacionalismo catastrófico da mídia liberal e dos escritores proféticos. Pelo contrário, pense nos netos dos seus netos. Que tipo de visão você deixará para eles?”

Agiu com o seu braço valorosamente...

“Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos.

Derribou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes.

Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos.

Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais”.

- Lucas 1:51-55

Esses versículos finais do Magnificat de Maria, refletem uma profunda teologia sobre a soberania de Deus e Sua capacidade de transformar as estruturas sociais e políticas. Vamos explorar isso em mais detalhes, ligando a passagem ao Pós-milenismo e a profecias do Antigo Testamento que tratam da Soberania Divina sobre os reis.

Vemos que no Magnificat, Maria exalta a Deus por Sua grandeza e Sua ação poderosa, afirmando que Ele “dispersou os soberbos” e “exaltou os humildes” (versos 51-52). Essa mensagem de reversão social é central para a compreensão da justiça de Deus, que não apenas levanta os oprimidos, mas também derruba os poderosos.

O Pós-milenismo vê a realização do Reino de Deus na terra antes da Segunda Vinda de Cristo, acreditando que a justiça e a paz se manifestarão na história. Os versos de Maria podem ser entendidos como uma antecipação desse estado de coisas, onde o poder de Deus é visto em ação, transformando a ordem social. A promessa de que os humildes serão exaltados e os poderosos serão removidos se alinha com a visão pós-milenista de um mundo onde a justiça de Deus prevalece.

A ideia de que Deus é Soberano sobre os reis e as nações é um tema recorrente nas Escrituras. Aqui estão alguns versículos do Antigo Testamento que enfatizam essa soberania:

1. Salmo 75:6-7: “Não vem do oriente nem do ocidente, nem do deserto a exaltação. Mas Deus é o juiz; a um humilha e a outro exalta”.
2. Daniel 2:21: “Ele muda os tempos e as estações; remove reis e estabelece reis; dá sabedoria aos sábios e entendimento aos entendidos”.
3. Provérbios 21:1: “Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; a todo o seu prazer o inclina”.

4. Isaías 40:23-24: “Ele reduz a nada os príncipes e torna em vazio os juízes da terra”.

Esses versículos reforçam a ideia de que Deus tem controle total sobre as autoridades e as estruturas de poder. A Soberania Divina é um tema que ressoa tanto no Magnificat quanto na perspectiva pós-milenista, pois ambos enfatizam que, independentemente das aparências, é Deus quem governa e estabelece a ordem.

Amparou a Israel, seu servo

“Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais”.

- Lucas 1:54-55

Gordon Franz é um professor de Bíblia com um Mestrado em Estudos Bíblicos pelo Seminário Bíblico de Columbia. Em sua análise dos versículos 54-55 do Evangelho de Lucas, ele escreveu:

“O Poderoso demonstra Sua misericórdia porque se lembrou de Sua aliança. 1:54b, 55

A estrofe conclusiva volta à lembrança da misericórdia de Deus. Não é que Deus tenha esquecido, nem que Ele tenha perda de memória de curto prazo ou doença de Alzheimer, mas Deus se lembra porque Ele está celebrando Sua misericórdia para com Abraão e sua Semente.

Maria provavelmente tem em mente o último versículo do livro de Miquéias: “Tu darás a verdade a Jacó e a misericórdia a Abraão, conforme juraste a nossos pais desde os dias antigos” (7:20), quando ela diz “Em memória de Sua misericórdia para com Abraão

e sua Semente para sempre”. A frase “Como falou a nossos pais” parece ser uma declaração entre parênteses.

Deus fez uma aliança incondicional com Abraão, onde prometeu que faria de Abraão uma grande nação e tornaria seu nome grande. Deus o abençoaria e o tornaria uma bênção para os outros. Deus também prometeu uma terra específica a Abraão e seus descendentes (Gn 12:1-3 ; 13:14-18; 15:1-21; 17:4-8).

Depois, o SENHOR submeteu Abraão a dez testes para ver se ele seria fiel ao Senhor em todas as situações (Cassuto 1964:294-296). Abraão falhou em alguns dos testes, mas Deus foi misericordioso com ele e ainda o usou para cumprir Suas promessas. O último teste que Deus deu a Abraão foi para ver se ele ofereceria seu “filho, [seu] único filho Isaque”, Abraão passou neste teste e Deus reconfirmou a aliança com Abraão dizendo: “Por mim mesmo jurei, diz o SENHOR, porque fizeste esta coisa, e não me negaste teu filho, teu único filho – abençoando te abençoarei, e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia que está nas praias do mar; e a tua descendência possuirá as portas dos seus inimigos. Em tua semente serão benditas todas as nações da terra, porque obedeste à minha voz ” (Gn 22:16-18).

O apóstolo Paulo fez um comentário divino sobre este versículo quando escreveu à igreja na Galácia: “Ora, a Abraão e à sua semente foram feitas as promessas. Ele não diz: 'E às sementes', como se referindo a muitas, mas como se referindo a uma só: 'E à tua semente', que é Cristo” (Gl 3:16).

A Semente prometida viria por meio de Abraão, Isaque (Gn 17:19; 26:1-5), Jacó (Gn 28:10-15), Judá (Gn 49:10) e Davi (Rute 4:17-22). O profeta Natã estabeleceu a aliança incondicional davídica em 2 Sm 7, que prometeu que um descendente de Davi se sentaria no trono de Davi para sempre (7:4-17). A Semente que Maria carregou em seu ventre, o Senhor Jesus Cristo, seria a bênção máxima para todas as pessoas da terra (Lc 1:42)”.¹²

¹² Mary's Magnificat— The Mercy Of God (Luke 1: 46-55). Life of Christ.

Resumindo, em Lucas 1:51-55 não temos apenas uma celebração da Vinda de Cristo, mas também uma afirmação poderosa sobre a justiça e a Soberania de Deus sobre a história. A conexão com o Pós-milenismo e as profecias do Antigo Testamento sublinha a esperança de que, em última análise, o poder e a autoridade de Deus prevalecerão, trazendo um reino de justiça e equidade.

- Capítulo 4 -

O mandamento de Maria e a transformação da água em vinho por Jesus

“Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, achando-se ali a mãe de Jesus.

Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento.

Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho.

Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.

Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser.

- João 2:1-5

No Evangelho de Lucas, capítulo 2, versículos 41 a 52, é relatada a história em que Jesus aos doze anos estava no templo. Nela, é relatada que Jesus acompanhou seus pais, Maria e José, a Jerusalém para a festa da Páscoa. Ao final da celebração, enquanto seus pais voltaram para casa, Jesus permaneceu no templo sem que eles percebessem.

Após três dias de busca, eles o encontraram discutindo com os doutores da lei, impressionando a todos com sua compreensão e

respostas. Quando Maria questionou por que ele havia ficado para trás, Jesus respondeu que deveria estar na casa de Seu Pai.

Mas há algo de destaque tanto nessa história como também na narrativa do nascimento de Jesus. É algo que é falado sobre Maria:

“Maria, porém, **guardava todas estas palavras, meditando-as no coração**”.

“E desceu com eles para Nazaré; e era-lhes submisso. **Sua mãe, porém, guardava todas estas coisas no coração**”.

- Lucas 2:19, 51

Alguns estudiosos afirmam que as mulheres assimilam mais informações do que os homens. Eles dizem que, biologicamente, as mulheres processam mais pensamentos e falas, o que as torna suficientemente inteligentes para não caírem na mentira. O modo de ser das mulheres pode influenciar a comunicação e a empatia, permitindo que elas processem mais informações relacionadas a emoções e interações sociais. Isso pode facilitar a assimilação de informações em contextos emocionais. Assim, as frases “guardava todas estas palavras, meditando-as no coração” e “guardava todas estas coisas no coração” mostram o quanto Maria foi fundamental como fonte de informações sobre a história de Jesus, especialmente porque José, o pai humano de Jesus, desaparece na narrativa – provavelmente por ter falecido.

Uma vez que Maria guardou e meditou sobre os eventos da vida de Jesus que presenciou, ela pôde, no dia da festa de casamento em Caná da Galileia, dizer algo que chamamos de “O Mandamento de Maria”: “Fazei tudo o que ele vos disser”.

A obediência dos serventes ao mandamento de Maria em João 2:5-11 é um momento significativo que ilustra não apenas a transformação da água em vinho, mas também simboliza a mudança

profunda que ocorre em nossas vidas através do Novo Nascimento. Quando Maria diz: “Fazei tudo o que ele vos disser”, os serventes demonstram fé e prontidão ao seguir a orientação de Jesus, resultando em um milagre que não apenas supriu uma necessidade imediata, mas também revelou a glória de Cristo.

Essa transformação da água em vinho é um poderoso símbolo do Novo Nascimento que Jesus menciona em João 3:3, onde ele diz:

“Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”.

Assim como a água se transforma em vinho, a experiência do Novo Nascimento transforma indivíduos comuns em novas criaturas, como afirmado em 2ª Coríntios 5:17:

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”.

Esse processo de transformação está intimamente ligado à mensagem pós-milenista, que enfatiza o avanço do Reino de Deus na Terra e a renovação do mundo por meio da ação do Espírito Santo. A obediente atitude dos serventes reflete a disposição que devemos ter em nossas próprias vidas para seguir as instruções de Cristo. Ao fazermos isso, não só nos tornamos testemunhas da obra de Deus, mas também participamos ativamente da transformação do mundo ao nosso redor.

Finalmente, o mandamento de Maria nos leva à Grande Comissão em Mateus 28:19-20, onde Jesus ordena:

“Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

Assim como os serventes obedeceram a Maria e experimentaram o milagre, somos chamados a obedecer a Jesus e a fazer discípulos de todas as nações, participando da missão de Deus de transformar vidas e trazer o Seu Reino à terra. Essa conexão entre obediência, transformação e missão nos lembra que a fé ativa é fundamental para experimentar e compartilhar a obra de Cristo em nossas vidas e no mundo.

Conclusão

Maria desaparece na história, mas seu exemplo e legado pós- milênista permanecem

“E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.

Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí teu filho.

Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa”.

– João 19:25-27

Maria esteve ao lado de Jesus não apenas na alegria de Seu nascimento, mas também na dor de Sua crucificação, como descrito no texto de João acima. Essa passagem retrata um momento profundamente emotivo, onde Maria está aos pés da cruz, testemunhando o sofrimento de seu filho. Sua presença nesse momento trágico demonstra a força de seu amor e a profundidade do seu compromisso como mãe.

Enquanto Jesus agonizava, Ele viu Maria e, ao lado dela, o discípulo amado. Em um ato de cuidado e compaixão, Jesus disse a Maria: “Mulher, eis aí o teu filho!” e ao discípulo: “Eis aí a tua mãe!” (João 19:26-27). Esse gesto não apenas reafirma o laço entre mãe e filho, mas também estabelece uma nova relação entre Maria e os discípulos, enfatizando a importância da comunidade de fé e do cuidado mútuo.

A presença de Maria na crucificação reflete a totalidade da experiência de ser mãe, que abrange tanto momentos de alegria quanto de sofrimento. Ela não se afastou nos momentos difíceis, mas permaneceu firme, simbolizando a resiliência e a esperança em meio à dor. Isso nos lembra que a jornada da fé pode incluir momentos de grande sofrimento, mas também de profunda conexão com Deus.

Maria, ao estar presente tanto no nascimento quanto na morte de Jesus, encapsula a história da salvação. Sua experiência nos ensina que, assim como ela, devemos estar dispostos a acompanhar Cristo em todos os aspectos de nossas vidas, tanto nas alegrias quanto nas tribulações. A fidelidade de Maria nos inspira a permanecer próximos a Jesus, mesmo nos momentos mais difíceis, confiantes de que a ressurreição e a nova vida estão sempre à nossa espera.

A última menção de Maria, mãe de Jesus, no Novo Testamento ocorre no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículo 14. Neste trecho, após a Ascensão de Jesus, os discípulos se reúnem em oração, e é mencionado que Maria estava entre eles, unida à comunidade de fé. Essa passagem destaca sua continuidade na vida da igreja primitiva, embora não haja mais menções diretas a ela após esse ponto.

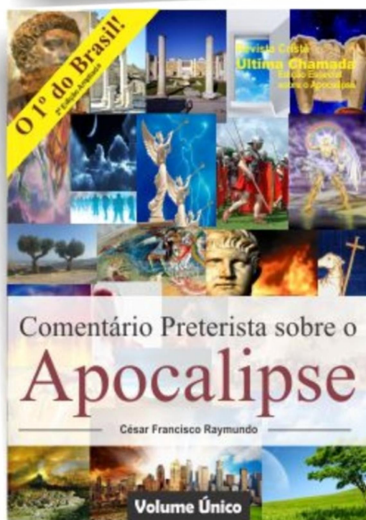
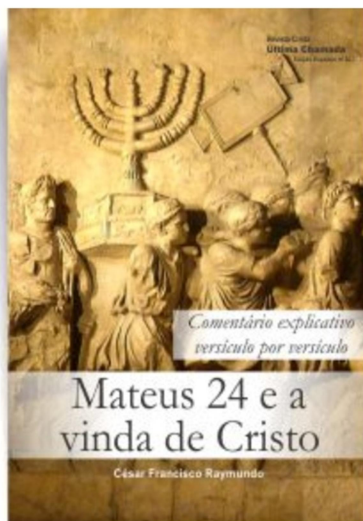
Assim, Maria refletiu em sua vida a totalidade da experiência de ser mãe não apenas do Salvador, mas também dos discípulos, principalmente do discípulo amado.

Maria, como mãe de Jesus e mãe dos discípulos, deixa um legado que ficará marcado para sempre e nos inspira em nossa missão como cristãos pós-milenistas. De fato, “porque contemplou na humildade da sua serva, pois, desde agora, todas as gerações a considerarão bem-aventurada” (Lucas 1:48).

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?